

Visado pelo
Comissário de Censura

Gaiato



OBRA DE RAPAZES, PARA RAPAZES, PELOS RAPAZES ANO XI • N.º 270 • PREÇO 1000



Aqui, LISBOA!

Anda por aí nos livros esta deliciosa história de sabor medieval. Vou lembrá-la, mas desde já previno os leitores de que não dou licença a ninguém para lhe pôr sentido diferente daquele que a caridade cristã nos permite atribuir-lhe. Seguia para Roma o grande bispo Martinho de Tours, montado num jumentinho. Ao tempo não havia combóios, nem ele dispunha de recursos para grandes transportes. Percorridos centenas de quilómetros, chegou ao cantão de Valais, nas faldas do grande S. Bernardo. Parou junto dum regato para merendar, repousar um pouco, e deixar respirar o irmão burro. Cansado como vinha, logo S. Martinho fechou os olhos e adormeceu beatificamente com a cabeça reclinada sobre a albarda, enquanto que o animalzinho, aliviado dela, se espojava e retemperava as forças na erva tenra das margens do ribeiro.

Nisto sai da floresta um enorme urso que se atira ao pobre asno e o dilacera num instante. Martinho acorda com o urro desesperado do animal, esfrega os olhos, procura o burro e vai dar com ele num mar de sangue.

Vivamente penalizado, pegou no báculo de madeira e avançou direito à fera, que sentindo-se culpada, larga a presa e vai esconder-se entre o silvedo. De cabeça baixa e zrr contrito ouviu a penitência que lhe foi imposta. Martinho apontou-lhe a albarda. Com o focinho a tocar nos calcanhares do Santo aí vão os dois. Assim galgam os Alpes e entram na cidade eterna. Quando se sentia cansado, montava na fera. Diz o escritor que os Romanos se escandalizaram muito de ver o apóstolo das Gálias convertido em saltimbanco. Martinho tinha de se justificar explicando o que se passara, acrescentando que a sua pobreza lhe não permitia comprar outra cavalcadura, que lhe bastava um urso, e que São Pedro nem tanto possuía...

No urso quero eu ver o erro nefasto que anda por aí de boca em boca e que na prática se traduz na opressão dos pobres das cidades, tornando-lhes a cruz insuportável. — *Fora: a capital não é para pobres!*

Seria interessante saber como se haviam de ver os senhores da Avenida, se, dum momento para outro, retirassem daqui as peixeiras, os ardinhas, os engraixadores, os cauteleiros, criadas de servir... as toleradas!

E já alguém foi ver onde vive e como vive essa gente?

Apenas um caso para documentar. Era uma pobre mulher que vivia algures numa barraca que foi deitada abaixo. Uma outra mulher, do Val Escuro, recolheu-a por caridade. Sempre que percorro o dito bairro, ou comece de cima para baixo ou de baixo para cima, aí vem a anã (é de facto muito baixinha aquela mulher dos seus quarenta anos) pedir que não a esqueça, deixando-a sem esmola.

Desta vez não apareceu, o que muito estranhei. Já vinha de regresso quando vem ao meu encontro outra mulher: — Padre eu sou muito pobre, mas não é de mim que me queixo. Venha à minha barraca ver outra mais pobre do que eu. Não tem cama nem que vestir, está muito doente e tenho vergonha do mundo e nem sou capaz de chamar o médico. Entrei. Era a anã.

Sem outra roupa mais de que os andrajos que habitualmente trazia, lá estava deitada no chão com as mãos juntas debaixo da cara a servir de travessa, cobertinha de moscas, a arder em febre.

Aquele Senhor bom, do Governo, que nos prometeu dar solução imediata a todos os casos destes que deparássemos no nosso giro, não calcula o peso que nos tirou das costas. Há muito que eu suspirava por um salvo conduto que nos permitisse, sem mais formalidades, entregar no banco dos hospitais tantos dos infelizes que encontramos em patente desespero. Chegou a hora: bendito seja Deus!

Aquele outro bom senhor do Governo, e doutra pasta, que nos disse ser a sua maior preocupação o problema da habitação dos pobres, vem também na hora própria. Bendito seja Deus!

Os Castelos estão restaurados; também as catedrais. De estádios não estamos mal. De estradas e caminhos vamos andando, já vai sendo tempo de olhar para os pobres. Vamos principiar.

Entretanto, como ministro de Deus e servo dos pobres mesmo sem cajado nem alforje, precisamente por isso, continuaremos a dar combate à fera.

Condenemos os erros mas salvemos os homens.

Não quero ir tão longe como o pastor de Valais que, ao contar aos viandantes, esta história de S. Martinho, acrescenta: «Se, de tempos a tempos, os que abusam da força ou da fortuna fossem condenados a trazer, durante um ano, a albarda que impõem aos outros, com certeza ficariam

PATRIMÓNIO DOS POBRES

É raro o dia que os meus olhos se não deleitem nas casa de Miragaia. Ali é o Porto. Os antigos crónistas e nossos maiores, deixaram dito de como os Reis de Portugal faziam a sua entrada na cidade; e era por Miragaia, atravessando o rio perto de Alfândega. De lugar histórico que foi, Miragaia é hoje campo de dor! Só estão os casebres por onde tem forçosamente de passar todo aquele que atravessar os becos da Alfândega a caminho das novas casas. Caruncho, lixo, crianças apagadas, doentes sem cura. Ali é campo de dor! A folha de hoje contava oitenta e dois trabalhadores. Só as grandes obras do Estado! O mestre não foge aos preços, nem poupa aonde deve gastar e faz tudo à prova de segurança. Não se discute o preço. Casas para pobres é uma coisa séria; eles não têm posses nem devem importar outros por consertos e reparos imediatos. Esta é a nossa doutrina.

Se vamos por outros sítios além, temos o Professorado Primário da diocese de Coimbra, que vai comemorar o Centenário Mariano com uma casa; e seis delas vão ser entregues por estes dias. Do nosso conhecimento, temos

mais os vicentinos de Portalegre e de S. Martinho do Porto e Torres Novas aonde já estão; e Portelo de Cambres aonde também. Esposende idem. E o que não está para vir?! Um jornal tão pequenino não tem espaço para dar a lume as maravilhas que o Criador opera no meio e por amor das suas criaturas. As Hidráulicas do Minho, ao que me disseram, em lugar de transportar as suas casas ligeiras para outros sítios, deixam-nas ficar em benefício do *Património dos Pobres*. Se esta instituição não fosse, os Directores da Companhia não podiam assim fazer. Era impossível. Soltar ali quarenta famílias e dar uma a cada uma, era a *Coreia!*

Sim, porque a casa que nós entregamos, não é toda a obra. O mais difícil vem depois: assistir os vossos residentes. Assistir não é impor, nem comandar, nem fazer ver que lhes demos uma casa. Procurar sinais de agradecimento, muito menos; estas atitudes roubam a autoridade do assistente. Com elas e por elas o Pobre não cumpre. Assistir é amar. Eis.

Bem fizeram os Senhores da Hidráulica entregar as moradias à Instituição.

CAMINHOS DE DEUS

É dos nossos dias a vida de um oficial do exército francês, que foi levado a trocar os galões por uma vida de suplício, dispendida nos desertos de África. Falo do P.^e Carlos Foucauld. Por 40 anos além, o Missionário experimentou todas as modalidades do insucesso. Nunca viu nada a sair-lhe das mãos. Jamais notícia de uma conversão. Por toda a parte e circunstâncias, dava com a impermeabilidade do Alcorão. Que trânsito! E contudo, era aquele mesmo o caminho. O caminho de Deus. Do cadinho sai o ouro. Dos fiascos, a vitória. Anos depois da sua morte, aparece a vida. Assim tinha de ser. A morte lenta do sacerdote nunca deixou de ser Luz. Tiremos todos daqui uma lição, nós, os pequeninos mortais que vivemos na obscuridade. Não queiramos nem aspiremos ao gigantesco sabendo que, nos caminhos do Senhor, não há derrotados. Cada acção é mercê eterna!

Temos hoje no mundo o P.^e Foucauld. Se Cristo ressuscitou dos mortos, também as obras dos cristãos, feitas por seu amor. Já temos em Portugal as *Irmãs do P.^e Foucauld*; mas elas são em vários continentes do mundo. Admiráveis de pobreza! A pobreza é o sinal: *ide ver a Belém!*

Há dias vinha de Lisboa e encontro duas *Irmãs*, perto das Caldas; sandálias, saco às costas, alegres, Romeirantes. Quis saber se precisavam de alguma coisa. Não senher. Não precisavam de nada. Pergunto como resolvem o problema da distância. *A pé*. E se faz noite no caminho? *Pedimos dormida*. Trabalham e rezam. O pão que comem é o seu suor. Na fábrica são *rapangas da fábrica*. Nos escritórios, *empregadas*. Nos hospitais, *enfermeiras*. Nas igrejas, *cristãs*. Tudo por todos, para conquistar todos.

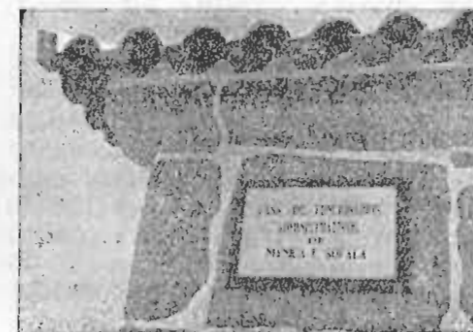
Oh! profundidade da subida e altíssima Pobreza do Evangelho! Ora tudo isto vem aqui para dizer que um neo-sacerdote acaba de declarar «estou cada vez mais convencido de que só o escândalo da pobreza eficaz, pode valorizar o nosso ministério, por isso desejo ser padre da rua». Esperemos. São caminhos de Deus.

Padre Adriano



Juizes e mais Pessoal do Tribunal da Beira. Maquinistas dos Guindastes do Porto da Beira. Corpo da Guarda Fiscal da Província de Moçambique. Funcionários Administrativos de Manica e Sofala. E ainda a População de Mutarara e Missão da Manga, cujas placas não aparecem, mas podem-se ver nas casas do mesmo aglomerado: Eis o grupo de Famí-

lias que no domingo de Páscoa deu entrada nas vossas casas, hoje ao uso de cada uma. São na freguesia de Rans, Concelho de Penafiel, distrito do Porto; e a cada um de vós, que morais tão longe, acrescento Portugal. Esta palavra sabe melhor e é mais conhecida dos ausentes! Os de casa, por afeitos, não sabem que ela é o sangue dos nossos Maiores.



À frente vai o Liceu Feminino Rainha Santa Isabel, do Porto, com uma casa na mão. A Reitora, Professoras e Alunas quiseram vir cá trazê-la e ao mesmo tempo ver de perto quem nós somos. A Reitora explicou que o Liceu é frequentado por filhas de famílias pobres e que aquela casa representa um sacrifício dos pais. Melhor. Mais segura fica. O sacrifício é argamassa e digno de mercê eterna. Tudo quanto cheira a eterno é verdadeiro. Os senhores afastem-se e deixem passar a romagem de futuras mães. Agora é uma enxurrada; nada menos do que as capas do Coliseu. Vão aqui todos a avaliar pelo número de moedas que somaram 17 contos! É o Porto. Deixem passar. Vai aqui uma pobre pecadora do Porto, com o produto de dez por cento sobre o seu trabalho. Ela propõe-se construir desta maneira uma casa para um pobre; são 450\$. Merece uma pausa o propósito desta Mulher Grande do Porto. Como não há-de Deus amar um heroísmo assim?! Ao lado vai a cidade da Beira. Deixem passar os Ausentes. A Pátria é o seu tesouro; aonde Ela, aí o seu coração. Disseram os jornais que meia dúzia de portugueses residentes na Rodésia, deslocaram-se e vieram a Luanda apertar a mão do General Craveiro Lopes, humildemente porque humildes. A Pátria! Ora oiçam o que eles dizem:

«Temos a grande satisfação de junto lhe enviar o cheque n.º 162.166, sobre o Porto, na importância de 12.000\$00, que provém duma subscrição feita entre todos os funcionários e despachantes (despachantes oficiais, ajudantes de despachante e caixeiros despachantes) da Alfândega da Beira — Moçambique.

Era nosso desejo que a mesma

DOUTRINA

Nós temos vindo repetidas vezes a este mirante berrar, na esperança de que algum dia havemos de ser atendidos. Sabemos que não é malhar em ferro frio. Sabemos sim, pela natureza do assunto. Temos procuração. Representamos a multidude dos Desconhecidos. Hoje, vamos um nadinha mais longe e transcrevemos aqui a matéria da *Doutrina*: «A Comissão Paroquial de Assistência da freguesia de... atesta por sua honra que:

Manuel Francisco da Costa, casado, de 55 anos, natural da freguesia de... concelho de..., residente no lugar de..., freguesia de..., é economicamente incapaz de satisfazer as despesas com a compra dumas injeções de que precisa e vê-se na necessidade de recorrer à caridade pública. E por ser verdade e nos ser pedido, se passa o presente atestado que vamos assinar».

Não digo todos os dias, mas não há semana que nos não bata à porta o interessado com documentos semelhantes; alguns são tais, que o nosso primeiro passo é levá-los à cozinha por algo quente que os conforte. Muitos trazem quilómetros. Vieram a pé. Pediram de comer à porta dos

lavradores. Chegaram. Outros de mais perto passam idênticos trabalhos. Se homens, a barba é por fazer. Se mulher, cabelos por pentear e uns e outros andrajosos; pouco no corpo e nada nos pés. Depois de confortados na cozinha tiram da algibeira o papel.

Este papel é um documento completo. Ali vem tudo. Primeiramente a lauda com a margem do estilo e azul, por ser mais consoante. Os dizeres também estão em forma; neste que ora se apresenta até se fala em caridade: *Recorrer à caridade pública*. Fala-se ali em honra; por sua honra, nada mais alto no homem! Também se diz com verdade qual o objectivo: *comprar umas injeções*. Tudo na marca. Finalmente as assinaturas. Três homens probos. Os primeiros e os melhores daquela freguesia. A quem estiver de fora e vir as coisas de longe, tudo lhe parece bem. Naquela freguesia existe na verdade a comissão paroquial de Assistência, que promana naturalmente da Concelhia e esta da Distrital, e todas da Central. Aqui temos a hierarquia. Tudo muito bem feito, porém não estão providas. Não abrem a porta. Ora é nisto que nós malhamos. Não se trata de ferro frio. Há-de haver tempo em que os senhores nos oiçam e tenham na Caixa os precisos para atender casos que racionalmente se lhes apresentam. Esta é mesmo a razão de ser das chamadas comissões paroquiais de assistência. Fontes sem água servem de ornamento e mais nada.

Mas há pior. Ele há muito pior e é o Pobre; sempre o Pobre a suportar o duro fardo. Quero-me referir à ausência de Conferências Vicentinas nas paróquias de Portugal. Fossem elas, que já não era preciso dar tão largas caminhadas o Mendigo que a Comissão despede. Não era preciso. O Vicentino pode não falar em caridade, mas tem-na; tem-na dentro de si. Sem ela ele não seria. Por ela jamais se atreveria a dar um papel e fazer que o indigente vá recorrer a outros. Eu não conheço nada mais eficaz nem mais pronto do que estes exércitos desconhecidos a pôr a mão nas feridas do Desconhecido. Não é que o confrade distribua a cada um o suficiente, mas ajuda. Vai. Escuta. Interessa-se. Ama. Pelos sítios aonde andamos, fazemos sempre a pergunta a um caso novo que por ventura se nos depare. *Sim, vem cá todas as semanas o Senhor da Conferência*. Não oiço sempre nem em todos os sítios. O número de pobres é esmagador e os confrades não. Mas oiço muitas vezes. Em grande número de famílias, o confrade é o primeiro auxílio.

Posto isto, mais conferências de S. Vicente de Paulo. Uma delas em cada freguesia. Todas por aí fora a trabalhar. Alivie o Pobre. As chagas. A Penúria. As situações. Os vícios,—tudo. O Pobre acredita em quem lhe dá pão e está pronto a grandes sacrifícios por amor de quem lho der. Deste amor ao Amor de Deus, é um instante. É o caminho. Os sem pão não acreditam em Deus

(Continua na 2.ª página)

AGORA

importância se destinasse à construção duma casa, à qual fosse dado o nome «Alfândega da Beira funcionários e despachantes».

«Ao enviarmos esta modesta contribuição, aproveitamos o ensejo de manifestarmos o nosso entusiasmo pela maravilhosa e consagrada obra».

Sim senhor. Vamos ter casa da Alfândega da Beira. Aqui há meio século a Alfândega da Beira era regida pelos irmãos Fernandes. Outros eram agricultores. Outros, outras actividades. Quando ultimamente por ali passei tive a suprema alegria de apertar a mão à Viúva de um deles. Um sobrinho era e não sei se ainda é o Presidente da Câmara. Uma família. Uma família portuguesa que levou e plantou na Beira as nossas virtudes tradicionais e ora todos estamos colhendo os frutos. Deixem passar estas memórias. Também elas vão na procissão. Mais 50\$ do Porto. Mais 100\$ de Ferreira do Zézere. Mais 120\$ de Lisboa. Mais 100\$ do Porto.

Outra vez por largo. É o Banco Aliança que vai aqui com uma casa. Outros Bancos se hão-de aliar, a seu tempo.

O Pessoal dos C. T. T. da cidade do Porto, Batalha, tornam com outra prestação de 249\$70.

ATENÇÃO

A Gerência do Coliseu, exemplo de mais anos, também este nos quis oferecer a casa para ali realizarmos a festa anual. É preciso que isto se saiba no Porto. Os senhores não troquem o Coliseu por nada.

ISTO É A CASA DO GAIATO

*** *Manel do Embrulho* que é o meu actual refeiteiro, adopta agora o sistema de comer o seu conduto sobre o peitoril da janela. É assim: Ele põe o meu jantar na mesa e vai imediatamente chamar por mim. Apenas entro, o criadito vem serve-me, dirige-se ao seu prato e come de costas voltadas para a mesa! Se eu chamar ele vem imediatamente. Se não chamar, fica até ao fim. Não se pode ser mais irreverente, mas eu acho-lhe graça e não chamo e espero que ele coma e que se volte e que veja com os seus olhos ter eu acabado o meu caldo e ir à cozinha pelo resto. É assim. Amar e educar são palavras incompletas. Ou são as duas ou não há educação.

*** Nós temos aqui um corpo de cicerones dos quais é o mestre Manuel dos Santos. (Não confundir...) Ora acontece que aos domingos entra tudo em acção. Imediatamente a seguir ao café, Manuel dos Santos arma as ratoeiras do costume. São postais ilustrados da obra. São livros das nossas edições. É o grande mealheiro.

VENDE-SE

E vinho. São dez pipas dele. Quando nós tomamos conta da quinta de Paço de Sousa, estava tudo no chão. Nós começamos a surriar e a plantar e a erguer e ora chegou o dia de colhermos o fruto. Já podemos consumir o preciso para as despesas caseiras e dispensar cinco mil litros de magnífico vinho da região, mais tinto do que branco. O fruto é a esperança de todo o homem que semeia; nem ele teria desejos de cultivar se não fora esta base que é força espiritual. Informados nestes princípios, vamos caminhando aqui em casa para uma produção de quarenta pipas, porque o terreno dá e a coragem não falta ao encarregado da quinta, António Sérgio. Coragem e saber. Porém resolvi fazer pausa. Como e aonde colocar o excedente. E porque preço?

Tenho pena. Pena dos pequenos agricultores destas terras de entre Douro e Minho que se vêm nas condições em que nós hoje nos encontramos e faço minhas as suas dores. Quem ajuda? Quem os defende? Aonde ir buscar a solução?

Pela parte que toca a esta casa do Gaiato, temos o jornal. O veículo. Ele vai a toda a parte. Muitos a ler. Muitos a saber. Muitos a comunicar a outros. Resultado: vai aparecer aqui um negociante forte com dez contos na carteira e leva em troca o vinho de dez pipas. Esta quantia é necessária para despesas e dar coragem de prosseguir. Se não comprador venham ao menos propostas. Nós temos o jornal, sim; e os mais nas nossas condições? E são tantos, e tão apertados, muitos a desfalecer. Tenho pena.

DOCTRINA — Continuação da 2.ª página

se primeiramente lho não dermos. Samaritanos. Muitos samaritanos. Haja deles nas paróquias, deles nos concelhos, nas cidades, nas nações, no mundo inteiro. O Samaritano é o homem que o próprio Jesus assinalou. No Seu alto conceito, as obras de misericórdia estão em primeiro lugar. Quem as não tiver feito, permaneceu na morte uma vida inteira.

As tantas começam os automóveis. Ontem, de um deles, saem duas senhoras de calças. O cicerone exita. Outros também. Entreolham-se e resolvem ir todos juntos ao pé do dito carro informar os visitantes que não é permitido. Elas entraram de novo no seu automóvel aonde traziam uma saia, segundo os cicerones disseram. Uma vai e enfia a dita, percorrendo assim as vistas da aldeia depois do que a entrega e agora a companheira vai fazer o mesmo. O caso foi aqui muito falado. Quando eu regresso à noitinha, tinha dezoito cicerones à minha beira, berrando cada um deles e a seu modo o acontecimento. Tanto embrulharam que eu tive de chamar o chefe e foi ele quem me pôs a par de tudo.

Saia por cima das calças é sofisma. Assim mentem as elegantes.

*** O *Pombinha*, que era para tocar castanhetas na festa no Coliseu, quando por ele chamaram não respondeu. Procurado, não apareceu. Que teria acontecido? Nada. Nada de anormal. Na simplicidade das suas maneiras, *Pombinha* adormeceu. O *Resende* tocou por ele. De tantos que somos e tão variados, estamos sempre servidos.

*** O dito *Pombinha*, duas semanas depois de ter saído para o emprego, veio-nos visitar e foi direitinho à cozinha; ele era de lá. Estava-se na hora de muitos afazeres. A senhora não podia largar a mão nem o sentido. *Pombinha*, de onde estava ia dizendo: *Olhe eu*. Não posso afirmar se sim ou não a senhora da cozinha olha, mas sei que o rapaz, não sendo atendido às primeiras, continuava mais alto. *Olhe eu aqui*. Tratava-se, ao que parece, de uma auto-apresentação. O rapaz mostra-se impaciente e desconsolado. Ninguém atende! Ninguém olha. Foi então que ele se enche de humor azedo: *Olhe eu aqui minha senhora*. E a senhora olhou.

*** Mais *Pombinha*. Como todos nós sabemos, ele é hoje um mocito de recados na Hidro-Eléctrica do Douro. Ali fia tudo muito fino. O rapaz tem ficha. Houve de se identificar com todos os documentos do estilo. Porém, ao apurar-se os nomes de pai e mãe, *Pombinha* vem ao meio diz com perfeita candura: *Eu não sei de quem sou!* Naquele dia de Março da era em que estamos e presença de funcionários e Palácio do Comércio aonde esta e mais Empresas se instalaram, ouve-se a voz clara e inocente do *Pombinha* a expor o erro que nos condena: *Eu não sei de quem sou!*

*** Agora é lagosta. Trata-se de uma lagosta. *Papagaio* apresenta-se com ela no regresso de Viana aonde tinha ido vender. Tinha sido o senhor Melo. Mas como é verdade que *guardado está o bocado para quem o há-de comer*, eu andei por lá dois dias e quando cheguei nem as cascas! Foram os senhores. Os senhores comeram a minha lagosta. *Papagaio*, mal deu sinal do *Morris*, avenida acima e eu já no meu quarto recolhido, entra pela porta dentro cheio de tristeza. Que foi a senhora da cozinha. Que aquilo era coisa que não podia esperar. Que nós não temos geleira. E mais e mais e mais. Eu pela minha parte, não mostrei naturalmente o meu desgosto e concordei com tudo quanto a senhora da cozinha fez. Achei bem

Da que nós necessitamos

Era de uma vez eu e padre Adriano, naquele tempo, sôzinhos, desprovidos, ansiosos. Vivíamos num mundo de mãos estendidas à nossa volta e éramos tristes, — porque poucas abertas. *Se ao menos alguém nos desse uma quinta*, dizia ele! O nosso problema era o abandonado. Dar a estes que fazer é muito mais importante do que dar-lhes de comer. Para os que chegam da rua, o trabalho racional e saudável é o campo. Nós tínhamos já colhido esta experiência, por isso mesmo aquele sacerdote, naquela hora desanimada, pôe o anseio: *uma quinta*. Eu estou para confortar. Eu tenho de ser conforto, ainda que muitas vezes o não tenha para mim. Esta é a missão dos homens da minha sorte. Recordo que me virei de semblante alegre e predisse que havia de vir o tempo de recusar quintas, de tantas oferecidas. Chegou esse dia. Padre Adriano é testemunha. Ele mesmo as tem recusado no Sul, por minha ordem. Chegou o dia.

Aqui há tempos, estando eu a preparar os documentos de posse de um grande bloco que nos ofereceram, uma quinta, chega um automóvel à nossa aldeia. Sai de dentro um senhor. Sobe aonde eu estava e diz ao que vem. Era uma quinta. Ele explica. Diz aonde é. Dá as dimensões. Tudo. Eu escutei e disse que não. Não podíamos aceitar. Não temos organização. Iamos entrar na posse de uma, o bastante para nós. E acabei por aconselhar a que se entendesse com o Bispo da sua diocese. Este processo é estranho. Aquele senhor retirou-se sem me compreender, mas a verdade está aqui. Verdade inteira que livra a gente de muitos trabalhos. Se nós fossemos a aceitar os bens móveis e imóveis que nos têm oferecido desde a nossa fundação, éramos já hoje uma obra rica, cheios de vulgaridade. Teríamos de ter um corpo de procuradores, advogados, escriturários

que os senhores tivessem comido a lagosta. Não deplorei a minha ausência. E disse e disse e disse. *Papagaio* é um atleta de ideias e de resoluções. Sem arredar pé de onde estava, estende o braço e risca o espaço com a mão inteira, de alto para baixo: *o senhor há-de comer lagosta!* E conta de uma senhora de Viana que pediu por um rapaz que nós cá temos, trazido daquela cidade por ele mesmo: *é ela que nos vai dar a lagosta*.

Eu estava a gostar da conversa, porque também gosto de lagosta; mas, gostei mais ainda daquele *nos*. *Ela vai-nos dar*. Agarrado ao plural e como se já tivesse nas mãos a dita lagosta, eu disse-lhe que sim. Ele havia de se sentar à minha mesa e ambos comíamos dela. Que eu mesmo havia de a preparar com molho de vilão. Aqui, *Papagaio* carrega a vista como quem pergunta que vem a ser aquilo: *vilão!* Eu expliquei. *Papagaio* alegra-se. *Se é azeite e vinagre e cebola, isso também eu faço*. De sorte que, meus senhores e minhas senhoras, pelos jeitos que as coisas vão tomando, apenas chegue a lagosta, não são os senhores nem é ninguém. Sou eu mais o *Papagaio* e o molho de vilão.

e técnicos. Tantos e tais que os rapazes, nossos filhos que são, teriam de dar lugar ao que não presta. É tal a confiança que a nossa Obra tem obtido na consciência nacional, que depois de muito prevenir, ainda aparecem legados nesta e naquela comarca, que nós temos forçosamente de receber, por via do trabalho que representa o recusar. Esperamos, contudo, que os Notários e semelhantes, vão aconselhando os clientes, que façam a outros os seus bens. Nem sapatos de vivos nem sapatos de mortos. Somos por natureza mendicantes. Queremos ajudar os que podem. Fazer bem aos que podem. Dar-lhes uma oportunidade de dar. Ora se viessemos a cair na desgraça da riqueza, aonde ir buscar autoridade de pedir.

Por muitos títulos aceitamos e agradecemos a doação de uma quinta, recentemente. Com ela e por ela, temos o pão garantido para a comunidade de Paço de Sousa. Nós vamos fabricá-la e tirar o pão da terra com o suor do rosto. Eu acredito nesta superioridade. Dignos sem altivez. Comércio, indústria, agricultura — trabalho das nossas mãos. Ora que se baste, tem o selo da longevidade. A Casa do Gaiato do Porto vive assim desafogada. A Casa do Gaiato de Lisboa, quase. A Casa do Gaiato de Coimbra, caminha para isso. Eis do que nós necessitamos.

Noticias da Conferência da Nossa Aldeia

A contrapor à despesa mensal de 600\$00 de esmolas, 400\$00 de leite, conta talada da farmácia e infundável déficit, recebemos o seguinte: da assinante 17.118 de Ilhavo, 70\$00. Também da assinante 17.022 de Leiria, 20\$00. Uma carta amiga diz que: *por estar longe não posso assistir à vossa Festa do dia 17, mas, de todo o coração me associo a Vós. Junto umas pequenas migalhas (20\$00) para um bilhete a uma Pobre da Vossa Conferência*. Feliz epístola! Por aqui se infere, como ganhou raízes a Festa no Coliseu. As nossas virtudes e fraquezas e a Verdade da Obra são dum valor indestrutível. Bem pena temos de a Pobre não poder assistir, mas a intenção fica e os vinte escudos deram entrada na caixa da Conferência. E continuemos. Da assinante 10.298 de Oeiras, 10\$00. Pouco ou muito, cruzeiros ou escudos, dólares ou pesos, tudo é dinheiro. Os pobres precisam e nós estamos para os ajudar. Por fim um atestado de solidariedade vicentina, que bem merece ficar registado no Famoso: aproveitando a sua visita à nossa aldeia, no passado dia 17 de Junho, festa do Corpo de Deus, a Conferência de S. Vicente de Paulo do Liceu Rainha Santa Isabel oferece esta lembrança (100\$00) para a Conferência da Casa do Gaiato de Paço de Sousa. Vieram todas. O Liceu em peso. Obrigado. Para o ano tornem e que Deus as ajude, a bem dos Pobres. Até ao ano se Deus quiser.

Julio Mendes

PAÇO DE SOUSA Temos cá mais um cãozinho que o Antão e Sérgio trouxe. É perdigueiro muito mansinho, mas esperamos que se ponha bravo, para juntamente com o Marão serem os guardas cá do «estado»...

—A nossa Conferência continua em déficit mas esperamos que não seja por muito tempo, pois os nossos amigos vão acorrer à chamada: presente!

—Informamos os nossos amigos que ainda temos alguns exemplares do «Ovo de Colombo», que muito fará beneficiar as vossas bibliotecas apenas pela insignificância de dez escudos. Vamos amigo, mexe-te. Amanhã pode ser tarde.

—Continuam a visitar a nossa aldeia inúmeras excursões. É à semana, aos domingos e aos dias santificados. Distinguímos aqui as escolas e os liceus que todos os dias têm invadido a nossa formosa aldeia. Muito obrigado aos senhores professores por terem guiado os seus alunos para estes sítios.

—O senhor Moura, do Porto, ofereceu-nos quatro patos para criação. Já é a segunda remessa. Foram mesmo entregues no palco do Coliseu. Como há a senhora dos emblemas, do mel e dos pentes, passa agora a haver o senhor dos patos. Está bem?

—O Caracás é da casa-mãe. É dos serviços de limpeza—das mesas, do chão, etc. Passou agora ao serviço dos açucareiros... e os restos da mesa dos senhores e já tem metido a mão dentro das panelas da cozinha... Foi caçado e comeu com a colher de pau e uns puchãozinhos de orelhas. Parece-me que não ficou lá a gostar muito da festa...

—Com respeito a jornais e revistas, recebi: Do senhor doutor António Napoleão Vieira e Sousa, que ainda me prometeu uma caixa de caramelos ingleses. Estou cheio de sorte. Do senhor Carlos Gomes, de S. Pedro de Sintra. D. Maria Nogueira da Silva, de Nisa. João de Oliveira e Silva, um grande braço. E como sempre a senhora do costume.

É quanto a selos: Recebi dois envelopes deles de anónimos. João de Oliveira e Silva. Uma admiradora da Obra. De Orlando Abreu com as seguintes palavras: «dentro em breve enviarei muito mais». A Ex.ª senhora D. Rosa Carvalho Pereira digo que sim e cá fico à espera.

A festa do Corpo de Deus na nossa aldeia—No dia 17 do mês passado, foi dia grande na nossa aldeia, pois celebramos com grande brilho a festa do Corpo de Deus, que tem grandes tradições neste torrão florido, à beira-mar plantado, que é Portugal. É dia santificado e feriado nacional. Realizam-se grandes festas religiosas em que todo o Corpo Místico de Cristo sente mais perto o seu Redentor e Salvador que por nós morreu num humilde madeiro. A Ressurreição de Cristo é o Fundamento supremo da nossa fé. É o enigma sagrado para os maus. Mas é a segurança dos nossos bons crentes. Mais, é a contrição que garante o Cristo em nós. Um lar sem o Rei Divino triunfante é estéril, é negação da vida. Com Ele há renovação e alegria. Na sua Paixão, quem mais sofreu a seguir, foi sua Mãe Maria Santíssima. É pela sua maternidade que ao falarmos no Cristo Rei nunca a devemos esquecer. Ela é um manancial de graças. É a ponte que nos leva ao Pai onipotente. É Ela que intercede e vela por nós. Ela é Mãe. Uma mãe quando tem um filho doente é capaz de arriscar a sua própria vida.

A missa cantou o nosso orfeão comandado pelo Sejaquim, que fez entoar cânticos apropriados ao acto, pelas vozes frescas e suaves como o perfume das flores. Aproximaram-se da Mesa Eucarística muitos dos nossos irmãos que ofereceram o sacrifício em acção de graças por todo o bem que Deus tem concedido à nossa Obra, verdadeiro fogo vindo do Espírito Santo e que todos os «padres da rua», missionários por excelência, tentam espalhar por todos os recantos: desde os casebres humildes do Barredo, Curraleira, Bairro das Latas, etc., até aos Palácios da Justiça. Não podia também (isto havia até de ser em primeiro lugar, mas vai aqui, o amigo leitor fará depois a classificação) deixar de levar o fogo e o conforto moral aos cárceres e hospitais. Em poucas palavras se diz tudo. «Ser hoje melhor que ontem e amanhã melhor que hoje». A nossa Obra não se esquece de ninguém, pede por todos: amigos e inimigos.

A seguir à santa missa que acabou cerca das oito horas e meia, turnos de nossos irmãos prestaram honras ao Santíssimo Sacramento exposto, de meia em meia hora. O último terminou às 11 horas e foi toda a comunidade rezar o terço. Findo este, saiu a procissão que percorreu com o maior respeito, as ruas da nossa aldeia, para que Jesus abençoasse os designios da nossa Obra. Entoavam no ar

PELAS CASAS DO GAIATO

os cânticos religiosos, que pela sua simplicidade muito impressionaram todos quantos estavam prestando vassalagem ao verdadeiro Rei e Senhor. A procissão passava mesmo à beirinha das casas, que se encontravam enfeitadas com flores e colchas às janelas, dando um belíssimo aspecto. As avenidas também se encontravam devidamente entapetadas com flores colhidas na nossa quinta que graças a Deus temos muitas e variadas.

Depois da procissão recolher, rezaram-se as últimas orações e encerrou-se a festa com a bênção do Santíssimo, dada pelo nosso Pai Américo. Esperamos que para anos futuros esta tradição se mantenha, pois a festa apesar de ser pequena tem grande significado. Jesus também nasceu num estábulo. O que Jesus quer é que a festa seja íntima. Essa é que é a verdadeira festa. E não fazemos nada de mais. Devemos levar sempre o Bom Pastor que pelas suas ovelhas dá a vida. Mesmo nós sem Ele nada valemos. Somos uns mortos. Uns vencidos. Peçamos-Lhe auxílio que Ele nunca nos diz que não, mas é preciso saber pedir.

P. S.—O Daniel, crónista da aldeia, de sobejo conhecido, acaba de me entregar o «de como foi a festa do Corpo de Deus». Declaro por quem sou que não mudei, não troquei; vai tudo como ele pensa. Como vós, leitores, também eu sou um assombrado. A Luz do Céu assombra. Deus é o autor e mestre de tudo quanto o crónista aqui revela do seu inefável mistério. Ele não tem outro mestre.

P. Américo

A festa no Coliseu—Saímos de Paço de Sousa às 19 horas do dia 17 do mês passado. Para levar a malta foram precisos dois grandes auto-carros da Viação António Pinto Lopes, de Cete. Só cá ficaram os batatas. Uma camioneta era para os que tinham de fazer discursos, que não davam um pio e o resto da malta na outra. Foi uma algazarra constante. O Augusto descobriu que a camioneta tinha microfone e isso então é que foi... Eram fadinhos, solos de armónica, de viola, etc. Houve alguns estrepentes nos fados que se saíram bem, mas outros eram uma autentica cana rachada. Nesta modalidade os especialistas foram: Manuel Riso e Amarante. Os mais animadores foram: Cândido Pereira, Augusto e Machado. Chegamos ao Porto às 20 horas e pouco, demos uma voltinha e toca a entrar para o Coliseu, donde só saímos já passava das 24 horas.

São nove e meia. O salão está cheio e as primeiras palmas pertenceram ao orfeão, que executou superiormente a canção: «Sou Marinheiro». Em seguida fez a apresentação o nosso íntimo amigo e colega, Carlos Inácio, futuro professor da Obra da Rua. Deu entrada no palco o Rezende que executou um solo de castanhetas, que a assistência muito gostou. O orfeão fez-se de novo ouvir em «O Ciranda». Depois foi a representação do Tojal. Eu bem dizia que os do Tojal nos queriam fazer ver. Agora aparece a representação da casa de Miranda, comandada pelo Sardinha. Este juntamente com o Mala Posta também cantou uma canção, esta, alusiva à casa de Miranda, sendo a letra escrita pelo senhor padre Horácio. Os Lares de Lisboa, Coimbra e Porto também se fizeram representar, sendo este último comandado pelo popular Xaneaxé que se apresentava todo vaidoso, fazendo bonita figura. Agora ouvem-se os rapazes do orfeão tossir para aliviarem a garganta. Deu resultado, pois executou muito bem a canção: «São Coradinhos». O Alberto Ramada abeira-se também do microfone para cantar «Uma Casa Portuguesa», recebendo fartos aplausos. Logo a seguir entraram as oficinas, com o Guilhufe a louvar os mestres, nossos colegas. Os camponeses com o Bento a queixar-se do trabalho e tem razão, porque os do campo são os que trabalham mais aqui em casa. Das casas vem o Macaquito a refulgar com as senhoras. Segue-se o Tomar II dos da venda a dizer da sua justiça. Da rouparia berra o Alberto Ramada, com os grandes que querem sempre as roupas à «tirone» (não confundir com o brasileiro de Rio Tinto). Agora chegou a vez dos cozinheiros dizerem que as maiores guerras vêm da cozinha. Foi pena não terem dito também que as maiores trocas são sempre feitas a seu favor... Também não podia faltar o homem da borra, dos rapazes mais populares da aldeia: «ó coisa dá-me uma côdea!» Agora chega também a vez do barbeiro que rapa os cabelos aos médios, pequenos e aos grandes quando saíam fora dos eixos... Faisquita fala pelos da lenha e fez fiasco. Ou ele não fosse irmão do Orlando (Faisca). O Manuel Bueha fez vibrar toda a gente que encheu a casa de espectáculos, com a sua popular canção: Repiupi piu-piu. Foi um verdadeiro êxito, pois soube-lhe dar o verdadeiro brilho. De novo o orfeão, que hoje se está portando muito bem, em as «Carvoeiras» a que este excelente público da nobre e leal cidade invicta corresponde com grandes salvas de palmas. Depois veio o discurso feito e dito pelo Zé Eduardo, que anda na tropa e é sargento-miliciano, que se saiu da melhor maneira. Depois dá-nos a impressão que há grande reboliço no palco, mas não é nada. É a malta que se aproxima em grande massa do micro, para dizerem a terra onde pertencem. Acabou a primeira parte e há um pequeno intervalo.

Depois deste curto intervalo, deu entrada «A Capoeira», desde o pintainho mais pequeno ao peru, que arrebatou por completo a plateia. Foi um número sensacional. Viram-se lágrimas nos olhos de muitas pessoas. Compreende-se a comoção dessas pessoas: é o milagre da Obra da Rua que arranca às garras do lixo o que se julgava perdido

para a sociedade e que os torna nas meninas dos seus olhos. O speaker, Júlio Mendes, lembra de vez em quando que esta festa é de homenagem às nossas tão queridas possessões ultramarinas e lembrou os nossos principais amigos que lá temos. As capas no fim foram colocadas nas portas de entrada e caíram 17 mil escudos que juntamente com o preço dos bilhetes perfaz a bonita quantia de 45 mil escudos. Agora temos a felicitar o nosso chefe da tipografia, Júlio Mendes, que se mostrou um speaker à altura das circunstâncias. Foi mesmo muito dinâmico. Por último não podíamos deixar de agradecer aos grandes e populares Postos Emissores nortenhos: Orsec e Rádio Clube do Norte, que estavam fazendo a gravação da nossa festa para África e Continente respectivamente.

Depois desta festa cheia de brilho e cor, voltamos contentes para Paço de Sousa, cantando, assobiando, tocando armónica de beicós, viola, castanhetas e fados... à nossa moda. Já estamos prontos a ir a qualquer um lado. Quem desejar a nossa visita que apite. Estamos às vossas ordens.

Daniel Borges da Silva

LAR DO PORTO

Mais uma vez por intermédio do «Famoso» aqui estou a contar as notícias mais fresquinhinhas deste Lar aos nossos amigos do Continente e Ultramar.

—Agora todas as quinzenas é aqui de manhã uma grande revolução por causa dos grilos. Os de Paço de Sousa trazem-nos e depois há as trocas costumadas. Agora tem sido por jogadores que vêm nos caramelos, mas o pior é depois, um vê que o seu grilo não canta e troca-o logo a outro; é sem dúvida uma autêntica revolução.

—Recebemos ordem do Manuel Pinto para pormos a rede do Voleibol, mas o pior é que só jogamos quando nos portamos bem. É mesmo uma grande coisa para o chefe, pois assim havemos de nos portar bem.

—Últimamente recebíamos da Margarina Vaqueiro sanduiches, que eram constituídas de fiambre, manteiga e pão. Agora já não recebemos esta maravilha de que já temos saudades.

—Como nos outros anos, ouvimos mais uma vez os relatos do Campeonato do Mundo de Oquei em Patins. Que Portugal depois de ter andado a fazer bons resultados em todos os jogos, acabou por perder inerecidamente, embora os espanhóis ganhassem bem e com muito mérito, mas a melhor equipa foi sem contestação a portuguesa, afirmado pelos estrangeiros. Um bravo a todos os rapazes das quinzenas, que mais uma vez souberam bem prestigiar o oquei patinado e a sua Pátria.

—Tenho recebido alguns selos que os nossos amigos leitores me têm mandado, mas que ainda continuam a ser poucos para a colecção, visto serem quase todos iguais. Recebi dum amigo aqui do norte alguns e que perguntava quanto custava a assinatura por ano. Caro amigo, custa para cima de 30\$00 o que quiser dar. Ainda os únicos selos em condições que recebi foram de Lisboa. Vinham mesmo algumas boas colecções. A estes amigos um muito obrigado. E espero mais, sempre que seja possível.

—Venho também lembrar os nossos amigos de que a nossa Conferência já está outra vez a ser esquecida por completo. E venho apelar para o coração dos nossos benfeitores para nos ajudarem a socorrer os nossos irmãos pobres, que estão sempre à espera da nossa esmola. Alguns é só do que nós lhe damos que vivem. Portanto era bom que os nossos estimados leitores se não esquecessem da nossa Conferência.

—O nosso grupo precisava de uma bola, pois a que nós temos o sapateiro já nem sabe por onde lhe há-de pegar quando ela lá aparece, pois tem que ser ponto em cima de ponto. E nós qualquer dia temos que jogar com bola de trapos. Esperamos pois que os nossos amigos não se esqueçam.

—Ficamos muito tristes por não recebermos entrada de borla nas Antas, no jogo com o Sporting, mas alguns tiveram a sorte de arranjar bilhetes de graça e nesses estou incluído eu, que fiquei muito contente por ver o campeão de Portugal a fazer um dos seus melhores jogos e ainda a partida mais bem disputada que eu vi na minha vida. Parabéns aos campeões nacionais e em especial: Carlos Gomes, Juca, Martins, Travassos e ao já muito popular malabarista Mendonça. Agora uma coisa: que o Sporting é um grande grupo, isso não haja dúvida nenhuma. O mais engraçado é que fez mudar três portistas dos mais afeiçoados para o Sporting, isso é que me fez admirar!

—O que nós recebemos aqui em casa: De uma senhora ou menina recebemos 20\$00 para a Conferência. Alguns livros e selos. Assina-se: muito devota S. Dos dois vendedores que todas as quinzenas vão vender a Braga, recebemos também para a Conferência 50\$00 dum e 20\$00 doutro. Mais outro tanto duma assinante para a Conferência. Recebemos também uma quantidade de medicamentos de pessoa muito amiga da Casa do Gaiato. A todos um muito obrigado. E até à próxima se Deus quiser.

João de Buarcos

COIMBRA Queridos leitores, mais uma vez venho dar notícias deste lar que há já muito as não recebeis. Antes de mais nada lembro a nossa Conferência, que actualmente está desamparada de parte dos nossos amigos. Estamos sem dinheiro e assim não pode continuar. Foi até já resolvido dar-se aos pobres conforme o dinheiro que tivéssemos à mão. Apenas uma senhora se tem lembrado todos os meses dos nossos pobres e um conimbricense no Porto que nos tem enviado algumas migalhas. Anda nesta cidade um grande incêndio espalhado por senhores que não se cansam de pedir auxílio e ajuda de todos os conimbricenses. Já têm três casas telhadas, terrenos para muitas, material também e o resto há-de vir. No Bairro das Latas vai ser inaugurada a casa do Liceu D. João III. Em Coimbra anda tudo a arder. É o Liceu, incendiado por um aluno do 1.º ano, são os hospitais da Universidade, incendiados por uma senhora, são os C. T. T. do mesmo modo, etc. Anda tudo a arder. Vamos para a frente. Vamos conimbricenses. Não deixemos viver os nossos semelhantes em buracos, em tocas, no choupal, como se fossem animais irracionais. Vamos dar-lhes uma casa, para acabar com as tecas na cidade universitária.

—Começamos no dia 30 de Maio a disputar um campeonato de futebol e de oquei em campo com os nossos companheiros da casa de Miranda. O campeonato consta de seis jogos de cada modalidade. No primeiro jogo de oquei, como era de contar, perdemos por 15-7, pois os de Miranda estão muito mais habituados do que nós. No entanto esperamos ganhar o campeonato. Os nossos jogadores andam a arranjar os seus stiks. Depois à tarde realizou-se o jogo de futebol em que a nossa equipa saiu vencedora por 3-1. Esta vitória podia ser mais expressiva, mas não foi além dos 3-1, visto os nossos jogadores não terem botas de futebol, pois jogaram alguns descalços e os restantes com os seus sapatos, sapatos estes que são caríssimos e os ordenados são muito baixos. Aqui fica este apelo a contar com a ajuda dos nossos estimados leitores e não nos deixem ficar mal perante os nossos adversários neste campeonato. Nesta partida merecemos sem dúvida a vitória porque jogamos bem e com grande entusiasmo. Os nossos golos foram obtidos por Pinguinho e Sardinha na primeira parte. Na segunda parte os de Miranda conseguiram diminuir por intermédio de Júlio na transformação de grande penalidade. Porém a cinco minutos do fim, Machado fecha o activo pondo o resultado em 3 bolas a uma.

—Mudando de assunto quero também fazer um apelo. Há tempos pedi aqui no jornal selos e hoje quero lembrar para que não se esqueçam de mim. A todas as pessoas que me têm enviado selos eu agradeço, dando por finda esta crónica.

Carlos Manuel Trindade

VENDA DO JORNAL

Logo de manhãzinha ao sábado de quinzena nós os vendedores saímos do Lar do Porto, com os respectivos jornais que cada um costumava vender.

Começamos de manhã a apregoar e chegamos à noite quase roucos; o que vale é a Letitania Frigorífica, e logo por sorte fica bem situada.

Quando acabamos, vamos dar contas dos jornais vendidos, e o Manuel Pinto marca-nos as terras, para onde havemos de ir vender.

Primeiramente Viana, aonde temos muitos amigos. O Sr. mais nosso amigo é o Senhor José de Melo que está sempre pronto a receber-nos e depois é lampreia, camarões, Vinho do Porto, queijo, requeija... Tudo do bom e do melhor.

Esta quinzena fomos à casa dum muito amigo, e grande admirador da nossa «Obra». Quando os vendedores de «O Gaiato» foram pela primeira vez a esta cidade, este senhor pôs a casa às ordens dos vendedores.

A este senhor muito obrigado!

Depois temos Barcelos, que é uma bonita cidade mas não sei quantos lá vendem porque nunca fui lá vender.

Depois temos Arcos de Valdevez, uma vila muito pequenina, mas que simpatiza muito com o nosso jornal. Brevemente teremos lá o Pai Américo a falar do Património dos Pobres. Os senhores dos Arcos que aprumem as algi-beiras.

Depois temos: Trofa, Póvoa de Varzim, Santo Tirso, Murtosa, Aveiro, Braga, Guimarães, etc etc, em todas estas terras vende-se muito bem.

Na segunda-feira vimos todos para Paço de Sousa, todos contentes, a esperar que a outra chegue depressa, para mais uma vez servirmos os nossos fregueses.

Papagaio

«O OVO DE COLOMBO»

Pedidos à Editora

Tipografia da

CASA DO GAIATO

PAÇO DE SOUSA

SE DESEJA MANDAR CONFECCIONAR
TRABALHOS GRAFICOS, CONSULTE A
TIPOGRAFIA DA CASA DO GAIATO
PAÇO DE SOUSA